

ENTREVISTA COM MARCO LUCCHESI

Paula Roberta Ribeiro **DANTAS**¹
Caroline Helena dos **SANTOS**²

O grupo de acadêmicos participante do projeto PIBID de Português – eixo Letramento Literário³, turma 2016, da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *campus* de Cornélio Procópio -, entrevistou o escritor Marco Lucchesi, autor do romance *O Dom do Crime*. O referido romance orientou a intervenção no espaço escolar, cujas ações estão voltadas para o Letramento Literário, a partir dos pressupostos de Rildo Cosson (2006),⁴ no desenvolvimento de atividades sistematizadas de leitura por meio de Sequência Expandida. Esta vertente do projeto, intitulado “Letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual”, vincula-se ao Programa Nacional Biblioteca da Escola/MEC, que prevê, ainda, como aporte de material didático, adotar obras literárias remetidas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola/MEC.

A entrevista com Lucchesi, ocorrida no dia 3/11/16, por *Skype*, na sala de Mestrado do *campus* universitário da UENP, contou com a participação dos acadêmicos bolsistas, da professora supervisora, Paula Roberta Dantas, da colaboradora do subprojeto, Profa. Dra. Vanderléia da Silva Oliveira, bem como dos alunos do 9º ano, do Colégio Estadual Major João Carlos de Faria, escola na qual as atividades foram desenvolvidas. Importante destacar que as perguntas dirigidas ao escritor foram elaboradas pelos alunos e bolsistas.

Marco Lucchesi é poeta, escritor, romancista, ensaísta e tradutor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, da Accademia Lucchese de Scienze, Lettere e Arti, além de professor universitário na Universidade Federal do Rio de Janeiro⁵. A seguir, seguem alguns trechos da entrevista transcritos pelos bolsistas de iniciação à docência.

PIBID-PORTUGUÊS/Professora Vanderléia: Lucchesi, todos estão à disposição para fazerem perguntas e conversarem contigo. Além da equipe do projeto estão aqui os alunos

¹ Professora titular na Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná (SEED). Endereço eletrônico: paula-dantas08@hotmail.com.

² Graduando do curso de Letras/Inglês da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* Cornélio Procópio. Endereço eletrônico: Caroline.hsantos@outlook.com.

³ Projeto coordenado pela Profa. Doutora Ana Paula Franco Nobile Brandileone, com a colaboração da profa. Dra. Vanderléia da Silva Oliveira, conta com dois professores supervisores da rede básica de ensino e onze bolsistas de iniciação à docência.

⁴ COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto: 2006.

⁵ Informações oficiais da ABL estão disponíveis em <http://www.academia.org.br/academicos/marco-lucchesi>.

do 9º. ano do Colégio Major João Carlos de Faria, que lhe farão as perguntas. É um prazer falar com você.

LUCCHESI: O prazer é meu, primeiro gostaria de dizer uma coisa a vocês do fundo do meu coração. Claro que eu fico muito emocionado, porque se trata de um objeto que eu produzi e agora é mais do leitor do que meu, é de vocês, saibam disso. O autor não é dono, agora o dono é o leitor. Então, a leitura que vocês fizeram é rica, eu queria dar, realmente, os mais sinceros parabéns. Não só porque estou incluído nesse projeto que me honra, mas porque vocês estão fazendo algo absolutamente especial. A escola pública que pensa e reflete, a professora regente e a senhora, os alunos, o grupo de monitores, esse professor são o Brasil em que eu acredito. Quero lhe dar, como professor que sou, os mais vivos parabéns. Eu estou muito emocionado e volto àquela minha idade que era igual a dos meninos e das meninas que aí estão. Na mesma idade eu também tive um encontro, meu primeiro encontro com um escritor. Ele se chamava Sérgio Cid, que escreveu um livro chamado *Retalhos da Infância*. E daí surgiu uma grande amizade. Ele foi uma pessoa que me fez ter a pretensão de ser como ele.

PIBID-PORTUGUÊS/Derik: Você imaginava que seu livro seria usado para um projeto de leitura na escola?

LUCCHESI: Eu não imaginava, justamente porque como é uma história que tem um grau intenso de metalinguagem, eu fiquei muito surpreso, positivamente surpreso, que ela tenha sido colocada nessa faixa etária. Fiquei muito contente e perplexo positivamente. Então, eu quero dar os parabéns de novo a vocês, ao grupo, porque eu sei que não é um livro muito fácil, ele foi feito para não ser fácil, para colocar o leitor como que trabalhando em um game, como num jogo. Então, parabéns, é por isso que confio na escola pública brasileira, nos professores, nos meus colegas, e é na juventude brasileira que está nas escolas públicas.

PIBID-PORTUGUÊS/Daniel: Você gosta de escrever ouvindo música?

LUCCHESI: É uma pergunta muito interessante a sua, eu gosto muito de tocar piano e me preparei muitos anos estudando canto. Até cantei ópera um pouquinho, me apresentando, na casa dos 20 anos. É engraçado, em alguns momentos, Daniel, a música me ajuda, mas, como a música para mim não é fundo musical, ela é uma linguagem viva, é como se, às vezes, eu colocasse para escrever uma pessoa falando comigo do meu lado. Então, a música, muitas vezes, me atrapalha, porque eu presto mais atenção nela. Embora eu agradeça sua pergunta. Ela dá forma musical para minha escrita, ela é poesia e é muito importante. Estudar música é uma

questão capital na minha vida. Eu lhe agradeço porque você foi no alvo. A música é uma forma de a gente se comunicar, em todas as idades eu acho que a música é fundamental. Eu não vivo sem música. Tem um dito latino que dizia "Não fique um dia sem escrever", no meu caso: não fique um dia sem ouvir música.

PIBID-PORTUGUÊS/Mariana: O senhor gosta mais de ser escritor ou professor?

LUCCHESI: Que pergunta bonita, difícil e fascinante. Às vezes, quando penso nisso, depende. Quando eu dou aula (porque eu dou aula há 26 anos), porque eu também dei aula em prisões do Rio de Janeiro e fico muito emocionado, é uma experiência difícil sabe, você vê muita coisa desafiadora na sua frente e, às vezes, eu preciso mostrar na prisão algo muito bonito: que a literatura e a liberdade são irmãs. Isso eu aprendi com um preso, a literatura é a irmã gêmea da liberdade. E há uma lei no Paraná, e em alguns estados do Brasil, que se você ler três livros ganha um dia a menos na sua pena. Eu acabei de dar dois cursos sobre *Crime e Castigo*, aí estávamos quase em uma luta falando sobre o assassino. Agora, incrível, também que há dias que eu preciso ficar sozinho. Então, é igual a um poema muito famoso, entre o burocrata e a bailarina. Não é que a educação seja burocracia, não é que escrever seja uma dança, mas é uma relação bem complexa. Às vezes, eu quero ficar muito solitário. A solidão para mim é uma premissa fundamental, mas, eu preciso dos alunos, dos rostos, como os rostos que eu tenho aqui na minha frente, que me alegram, incentivam e emocionam.

PIBID-PORTUGUÊS/Ana Beatriz: Você disse que dá aulas na prisão. Que tipo de coisas você está ensinando lá?

LUCCHESI: Eu ensino mais ou menos. Esta pergunta é muito bonita. Os presos, às vezes, me perguntam o que eu estou fazendo lá – não sou deputado, não sou candidato a nada na política (risos). Eu não vou falar de religião, porque cada um tem a sua, então a gente tem que respeitar. Eu não falo de religião e o diálogo inter-religioso, que eu estudo mais entre oriente e ocidente. E aí eu falo com eles o mesmo que com você e com os meus alunos. Falo que eu acredito na humanidade, que não é porque a pessoa cometeu um crime que ela deixa de ser cidadã. Converso com eles e eu até gostaria de perguntar qual o crime que cometeram. Mas, sabe que às vezes eu brinco, eu digo assim: “olha eu não pergunto para vocês qual o crime que vocês cometeram, porque vocês não me perguntam o crime que eu cometi”. Humanismo é humanidade, daí eu digo, minha colega, minha amiga, que faz essa pergunta, para ele que não há dois lados, o lado de lá e o lado de cá, é uma mesma humanidade e como no Brasil pouca gente

tem direito de ir à escola, há muita gente pobre que, por inúmeras razões, não vai à escola. Sabe qual é minha proposta? Se a gente quiser aumentar as prisões (que nunca é bom, quando der, depois a gente discute isso), mas qual é a coisa mais imediata? Criar escolas nas prisões. Escolas a que todos os presos tenham direito, pelo menos naquele momento, de resgatar aquilo que eles não tiveram nem na infância e nem na adolescência. Então, acho que se o estado quer prender, a gente pode até pensar melhor na ideia de prisão, mas enquanto ela existir, vamos colocar a escola lá dentro, vamos colocar professores (você não têm orgulho de aprender, alegria das coisas que você gosta? Assim os presos também), e eu acho que esta é uma forma de exercer a democracia, que é a ideia da república brasileira, porque somos todos brasileiros.

PIBID-PORTUGUÊS/Nathan: Desde criança ou adolescente você já escrevia histórias? Se espelhou em alguém, algum escritor em especial?

LUCCHESI: É uma fase importante de transição, mas tanto vocês como eu e como a Professora Vanderléia, todos nós tivemos uma infância e o mais importante é que essa infância sempre permaneça dentro de nós, para mostrar para o mundo, ter esperança, gostar de literatura, para gostar de ajudar os outros, essa infância tem que estar muito forte dentro da gente. Por que eu respondo isso a sua pergunta? Porque a primeira história que a gente lê é a história que a nossa mãe cantava para a gente dormir, com a nossa avó, com a nossa tia ou o seu pai ou a vizinha, não importa. Há algumas figuras queridas na nossa infância, essa é a primeira história, sabe por que Nathan? Porque essa história tem amor, afeto, e não há nada mais precioso que o amor e o afeto; essa não é uma palavra assim, boba, que eu estou jogando não, eu sei do que estou falando, o afeto é o combustível para a vida toda. Você um dia vai ser pai, Nathan, não vai? Então, para as mães, para as meninas que estão aí, enfim, alguém que ama você, sendo pai, mãe, tio ou parente, quando olhar para uma criança, dê afeto, não existe esse negócio de que a criança fica viciada - “Ah porque foi muito afeto” -, não, a pessoa que tem problema é aquela que não teve afeto na infância. Então, a criança vai ser amada, eu digo isso tudo porque o canto de dormir... Essa voz que fica dentro da gente, de dormir, que é nossa primeira história, claro, depois virão os livros, e eu, claro que lia, gostava muito de ler, fui filho único. Mas, filho único também não precisa ser problemático não, tá? (risos). E o único, às vezes, não é problemático - eu acho que não sou muito - ele procura a comunicação com outro, porque ele não tem irmãos, e eu venho de uma família italiana, pai, mãe e avó italianos, todo o resto está na Itália, então eu sempre me comunicava com as crianças, jogar bola, subir na árvore, não parece, mas eu fiz isso tudo e andar de bicicleta... Bom, depois os autores que me influenciaram foram todos, Dante Alighieri,

certamente, com a *Divina Comédia*, desde criança, mas aí a gente aprende, que tudo a gente, como posso dizer, tudo nos influencia, eu me lembro de Manuel Bandeira, do *Itinerário de Passada*, foi uma coisa muito boa que serve para mim e que serve pra vocês. Manuel Bandeira dizia que a gente, às vezes, aprende, sobretudo como mau escritor e como mau poeta, porque aí fica claro o que a gente não deve fazer. Então, tudo ensina, basta que a gente entenda. A gente nasceu para aprender, o ser humano nasceu para aprender e para amar, não há outra solução, aprender e amar. Tá bom, se você quiser fazer a guerra, quiser ir para um lugar com destruição, é uma pena, mas a gente só tem uma escolha nesse planeta, ou a gente parte para uma cultura da paz nos livros, pode ser cinema, teatro, pode ser a prisão, pode ser o manicômio, ou a gente prepara uma cultura da paz, Nathan, ou a gente vai morar em Marte, mas acho que não é bom morar em Marte, eu prefiro a Terra, Marte é muito estranho, é muito vermelho...(risos).

PIBID-PORTUGUÊS/Mariana: As suas obras no exterior têm a mesma recepção que no Brasil?

LUCCHESI: No exterior? É interessante, porque no exterior eu tenho uma relação mais forte com a poesia, esses dois romances que eu escrevi agora são romances mais brasileiros. Eu estava preocupado sobretudo com a história do Brasil, então são romances que eu preferi, por enquanto, que não tivessem tradução, porque tem que ter muita nota para poder explicar o que vocês já conhecem e sabem. Eu estou fazendo um novo romance muito mais amplo que se passa entre Itália e Brasil. Agora, a minha obra mais, digamos, que tem mais recepção no exterior é a poesia, traduzida, também, para a língua Híndi, na Índia, e que foi traduzida para outras línguas. Enfim, eu acho que o que mais circula no estrangeiro é a minha poesia.

PIBID-PORTUGUÊS/Allison: Como é ser membro da Academia Brasileira de Letras?

LUCCHESI: Eu acho que nisso erraram, estavam distraídos (risos). Olha, é uma experiência muito interessante, porque, na verdade, - aliás, eu nunca pensei e nunca tive um projeto de entrar e nem sabia que ia entrar - independentemente disso, aprendi uma coisa desde sempre e eu acho uma coisa bacana para vocês também pensarem. Se acharem bacana pensar nisso, o que eu quero dizer é que tive muitos amigos em qualquer idade e de várias idades, então, por exemplo, quando eu tinha 21 anos tive uma grande amizade com uma das grandes figuras do pensamento brasileiro que se chamou Nise da Silveira - agora saiu um filme com a Glória Pires chamado *Nise, O Coração da Loucura*, eu recomendo muito a vocês, é um belo filme. Então, nesse caso eu tinha uns 21 anos e eu achava que eu era o velho, porque Nisetinha 87. E o espírito não

tem idade. Trabalhar na Academia o que é? Aqui, você tem muitas pessoas de grande experiência, temos a Dona Cleonice Berardinelli, que está muito bem, fez 100 anos. Ela conheceu Manuel Bandeira, que eu nunca conheci, então é bacana você ter uma continuidade entre gerações. Há pessoas de várias partes do Brasil, de várias idades, de várias leituras da realidade brasileira, então eu acho que a Academia Brasileira ainda é um lugar que representa o Brasil, onde as pessoas dialogam, vivem a diferença e não brigam porque são diferentes. Eu acho que essa é uma das questões mais bonitas do Brasil, você é diferente de mim, que bom, eu vou aprender com você o que eu não sou e vou te admirar por quê? Porque você é diferente, mesmo que você não seja Flamengo (risos).

PIBID-PORTUGUÊS/Felipe: Minha pergunta é sobre quais efeitos você imaginou causar no leitor com as personagens de José Mariano e Helena Augusta?

LUCCHESI: Bom, é uma questão complexa essa, porque eu posso dizer que eu fiquei muito impactado com essa história. Ela realmente me encantou profundamente, porque havia uma dúvida, uma leitura muito particular, muito partidária, sobre uma situação que não era tão simples de ser resolvida. Eu tenho outro romance que se chama *O Bibliotecário do Imperador*, em que eu também recuperei a história de um homem-heróico, que foi o bibliotecário de Dom Pedro II, que acabou, acho que vocês um pouco já sabem, realmente se tornando uma vítima de uma situação muito difícil. Então, o meu interesse, a princípio, é o de recuperar essas figuras aparentemente menores, que não se destacaram e que ficaram perdidas em determinado ponto da história do Brasil. Meu interesse é, também, talvez isso seja o que eu queira levar ao leitor, a partir de um pretexto muito doloroso de um fato que aconteceu, para a gente pensar a história do Brasil, mas também pensar como é que se escreve uma história que não é ficção e como se faz para que essa história também se torne ficção. Esse é o problema que mais me encanta. É claro que é um drama muito importante que fica em aberto: “O que aconteceu?”

PIBID-PORTUGUÊS/Gabriela: Por que escolheu escrever a história no século XIX e não nos dias atuais?

LUCCHESI: É uma pergunta também muito interessante essa. É porque eu acho que o século XIX é o século de Machado de Assis. É o século que o Brasil, de fato, começou a construir sua própria identidade, um Brasil jovem como vocês e cheio de possibilidades. Porque parece que foi anteontem ou parece que foi há mais tempo, mas eu queria mostrar que, apesar de ser o século XIX, essa história continua com vocês, como meninas que são e os meninos também

estão aí. Não veem coisas parecidas nos jornais de hoje? Quando a gente discute, por exemplo, o respeito ao corpo feminino, o respeito à atitude dos rapazes, não é uma discussão atual? Então, também quis mostrar que a gente não está na lua, que é o mesmo Brasil e jogar no século XIX fica mais interessante, porque parece que está falando de outra pessoa, de outra gente, mas falamos de todos nós ainda.

PIBID-PORTUGUÊS/Ellen: Eu quero saber o que te inspirou a escrever este livro.

LUCCHESI: Algumas coisas me inspiraram. Este livro não ficou pronto logo, como nenhum dos romances que eu escrevi e os outros dois que eu estou fazendo com um tema diferente. Vocês já ouviram todo mundo falar sobre isso e vão ouvir também eu repetir isso porque é assim que eu vejo. Um romance você nunca sabe para onde ele vai, há momentos de cegueira da minha parte, de desespero, porque você não se sabe o que fazer. Mesmo sendo um romance leve – eu queria que fosse um romance leve, com a agilidade de um romance policial contemporâneo – embora a história seja antiga. Mas há uma série de pequenos erros que eu faço de propósito para lembrar que é atual, que eu estou escrevendo nesse momento. Então, ele foi inspirado aos poucos. Eu posso dizer o seguinte, para ser mais rápido e preciso, porque as perguntas são muito difíceis – o que é muito bacana e mostra a grande elaboração do trabalho que foi feito antes por vocês, parabéns a todos, inclusive, sem exceção – olha, o que me move é um grande amor por Machado de Assis, um grande interesse pela história do século XIX, que a gente precisa aprofundar, e também uma grande paixão cósmica. Eu tenho um grande telescópio em casa, gosto de olhar as estrelas. Graças a Deus, vocês aí no Paraná não têm tanta poluição luminosa como nós temos aqui. Então, vocês ainda têm céu, São Paulo não tem mais céu, Rio não tem mais céu, mas eu ainda estou conseguindo ver um pouco do céu porque eu sempre gostei de contemplar os astros, sobretudo quando o momento é mais difícil na terra, é melhor olhar o céu. Não é para aprender nada, é que gosto de olhar as estrelas, escorpião, sagitário, as nebulosas... É muito fascinante isso e eu queria que houvesse um diálogo entre a história e alguma coisa que mais ou menos existiu no passado ou mais ou menos existe, vamos dizer assim, e, numa perspectiva muito ampla e muito cósmica, aqui no livro se apresenta. Você olha para o céu e muitas pessoas iguais como vocês estão olhando para o céu que se olha. Então, assim, para ser rápido, a precisão da história, a história que é precisa e a imprecisão do céu. A nossa vida é assim, você sabe explicar muita coisa da sua história, mas também muita coisa você não sabe e vai ser sempre assim, entre uma grande precisão e uma grande imprecisão, é assim que o homem vive no universo.

PIBID-PORTUGUÊS/Vitória: O que o senhor pensa da leitura de literatura na escola?

LUCCHESI: Acho absolutamente fundamental! Vou dar um exemplo, eu procuro lembranças da sua idade, a idade de vocês é 14, 15 anos, não é? Então, eu me lembro de algumas amizades, talvez de quando eu tinha 13 anos. Sempre tive ótimos professores e sempre achei que valorizar o trabalho dos professores era muito importante, pois são seres humanos como nós. Eles enfrentam problemas, muitos desafios, sobretudo professores de escolas públicas são muito apaixonados, das universidades também. A escola é lugar de uma grande transformação. Eu acho que é importante que a gente entenda que professores e alunos estão no mesmo barco da história, transformar o país e fazer um país de gente cada vez melhor, em que a ética ocupe maior espaço. E a ética também, a gente conquista, como? Com a literatura. A gente conquista a cultura da paz como? Quando a gente vê tanta gente estranha, em nível de atitudes cotidianas, como é que a gente estabelece essa cultura da paz? Também através da literatura. Por quê? Porque a literatura ensina tudo. A literatura ensina como vive na África, como se pode viver em um planeta que ainda nem existe. A literatura nos fala da época de Jesus, a literatura também fala do mundo das prostitutas ou das gueixas. Enfim, a literatura é essa grande possibilidade de construir e ajudar a construir uma cultura da paz, da tolerância, do diferente que me faz viajar, que me emociona. Mas, a literatura é, sobretudo, a aventura da linguagem. Então, eu me lembro de muitas vezes que, tá bom! A gente sempre erra! Quando a gente é jovem tem o direito de errar e quando é velho também! E, às vezes, por exemplo, não gostar de algumas abordagens que eram feitas, alguns professores não amavam a literatura, alguns, não todos, que eu tive na minha escola. Isso é muito difícil porque eu queria saber, eu queria ler e meus colegas também. Então, às vezes, a literatura era vista como alguma coisa de segunda mão, segunda ordem. Olha, a literatura é humana, a literatura é a casa do afeto, do pensamento e da linguagem. Se a gente não considera que essas casas são nossas casas, então não dá. Porque, por exemplo, vocês são as crianças que estudam no Colégio Major João Carlos Faria, queria dizer uma coisa para vocês, uma coisa muito importante: eu defendo a leitura e defendo, sobretudo, a leitura na escola pública. Eu sou um grande defensor, apaixonado pela escola pública, porque o Brasil precisa apostar na saúde pública, igual para todos, em que o presidente, o prefeito e o catador de latas vão usar o mesmo hospital igual para todo mundo, assim como as escolas. Acho que a escola pública é uma força ainda mais importante, mas é fundamental fazer uma escola democrática. Quanto mais a escola pública crescer, maior será o crescimento da democracia e não ao contrário. E a leitura será essa chave de integração, a literatura vai aproximar, vai fazer com que as pessoas conheçam a beleza

da linguagem, a beleza da sua própria história, num país republicano. Um país em que todo mundo esteja incluído, porque somos todos brasileiros, incluindo os imigrantes, porque a escola também é para os imigrantes. Todo mundo junto, porque a humanidade só se salvará e só continuará se apostar no trabalho, todo mundo junto e misturado. Se ficar misturado e maltratado, aí não tem chance.

PIBID-PORTUGUÊS/bolsista Caroline: Professor, quero reforçar que estou muito feliz com sua disponibilidade de falar com a gente, e mais feliz ainda de saber que você acredita na escola pública. Eu amei o livro... Mas a pergunta é: aqui na UENP nós temos dois eventos por ano, haveria a possibilidade de você vir para um evento nosso?

LUCCHESI: Com muito prazer. Vocês me conquistaram e você sabe que quando uma pessoa é conquistada, não tem saída. Eu vou na primeira ocasião que eu tiver e também assim que chegar de viagem irei escrever sobre essa experiência, pois é uma experiência muito bonita que vocês estão dando, e eu insisto, que não é só por minha causa, mas é por causa de vocês que por acaso estou aqui, então quero realmente frisar essa minha relação de amizade e admiração com vocês, e parabenizar você e suas colegas pelo belo trabalho que fizeram, porque é muito desafiador para uma turma desta idade ler um livro que tem muito complexidade. Realmente, eu parabenizo mais uma vez o trabalho de vocês.

PIBID-PORTUGUÊS/Professora Vanderléia: Lucchesi, os eventos são de literatura brasileira contemporânea, do Grupo de Pesquisa CRELIT, e temos o hábito de convidar um escritor, além de outros estudiosos.

LUCCHESI: Professora, se me permite, queria falar de um episódio sobre o Paraná, de Faxinal do Céu. A gente nota que, às vezes, podemos não ter as melhores condições, mas isso não impede que a gente deixe de viver e apostar naquilo que é possível dentro do nosso sonho, então eu aprendi com uma professora do Paraná, agora não me lembro a escola exatamente, mas foi nos anos 90. Eu me lembro de uma coisa muito bonita, um palestrante, que não era eu, perguntava aos professores se eles tinham visitado lugares, quais obras haviam trabalhado com seus alunos. Aí um professor se levantou e disse “você não sabe que vivemos no Brasil? Olha o salário do professor” e todas essas coisas... Mas aí uma professorinha, de idade avançada, levantou e começou a falar a quais lugares e quais trabalhos havia realizado com seus alunos; todo mundo ficou espantado, pois ela havia pedido ajuda ao senhor da padaria, à prefeitura, mas, enfim, estou citando esse exemplo porque é isso que vocês fizeram. E eu acho sim que a escola

pública tem que liderar encontros com escritores, eventos... os recursos são poucos? São poucos, mas é o que eu digo sempre, é a nossa vida, a professora Vanderléia, a Carol, a professora Paula vivem isso o tempo todo, todo mundo está junto nesse processo, é a nossa vida que está em jogo, a nossa felicidade, e se os professores são felizes, podemos transmitir felicidade para os alunos também.

PIBID-PORTUGUÊS/Professora Vanderléia: É, os obstáculos são muitos, para exemplificar tal situação, basta dizer que cada aluno possui um exemplar e para comprar esses livros a escola organizou uma rifa, pois é uma exigência nossa que cada aluno tenha o seu exemplar. Então, depende muito da vontade da direção da escola, equipe pedagógica e tudo mais. O livro fica com eles durante o projeto, depois vai para o acervo da biblioteca. Assim tem ocorrido em todas as escolas pelas quais implementamos o projeto.

PIBID-PORTUGUÊS/Ana Beatriz: Por que você faz tanta referência a Machado de Assis?

LUCCHESI: Ana Beatriz, na verdade esse livro tem que ser uma conversa com Machado, porque eu acho que todo mundo no Brasil, mesmo vocês que ainda não leram Machado ou quem já leu, enfim, não ter lido não é o problema, nunca é um problema não ter lido, o problema é não querer ler e não ter curiosidade, então de resto não tem problema se leu ou não leu. Mas, em geral, quero dizer o seguinte: Machado de Assis fundou - não é porque eu estou na Academia, o amor por Machado é anterior - mas trata-se de um grande escritor. Machado nos educou, inclusive do ponto de vista sentimental, o amor de Capitu e de Bentinho, no início, pelo menos, o amor de quintal, quem mora em casa aí? Que maravilha! O quintal para as crianças, o quintal é uma coisa infinita, Bentinho e Capitu se amavam como crianças, na sua inocência, no quintal, então Machado nos ensinou, nos educou com bons sentimentos. Portanto, eu queria que este livro fosse uma conversa minha. Eu não estou dentro do livro nem sou uma personagem, mas esse velho rabugento, esse velho antipático mais ou menos sou eu. É, mas eu tenho mais esperança do que ele, ele não tem nenhuma, eu não sou ele exatamente, eu sou um pouco de todas essas personagens e queria conversar com Machado. E também porque eu estava organizando uma exposição na Biblioteca Nacional, sobre o centenário da morte de Machado de Assis, eu estava mergulhado nos papéis de Machado e ainda não estava na Academia. Estava, sei lá, em contato com tanta coisa bonita, fotos. Então, eu queria um diálogo com esse fantasma, mas, atenção, às vezes, a gente acha que quem está mais vivo é quem está vivo hoje, no entanto a

gente, às vezes, tem mais vivo um fantasma, e o fantasma vira realidade e Machado de Assis é um bom fantasma. Eu queria conversar com Machado, agora faço para vocês um convite. Eu não conheci minha bisavó e nem meu bisavô, eu só conheci uma vó muito querida, aliás, minha vó materna, mas, às vezes, fico pensando e eu gostaria que vocês pensassem junto comigo que emoção vocês teriam, Ana Beatriz, não é? Que emoção você teria Ana Beatriz de conversar com sua tataravó, qual é o nome da sua tataravó? Eu não sei da sua e também não sei da minha, é curioso isso, não é? A gente perde logo, em três gerações, as referências. Não seria emocionante falar com a bisavó que vocês não têm mais? Eu adoraria, eu não tenho mais minha mãe, como eu gostaria de conversar com minha mãe, hoje eu tenho 52 anos, e fazer todas as perguntas que eu não tive tempo de fazer para minha mãe é normal, essas perguntas só ocorrem quando você perde quem você ama, antes não. O que eu quero dizer com isso é: já pensou se você um dia pudesse, num *Skype* eterno, trazer Machado de Assis e perguntar algumas coisas para ele? Como seria emocionante! Foi mais ou menos como eu tentei fazer, claro, de forma ficcional, inventando situações porque eu precisava ter esse olho no olho com Machado de Assis, e eu queria entender a cidade do Rio de Janeiro, a minha cidade tão machucada, tão dividida, e ao mesmo tempo tão bonita, tão sofrida e sangrenta, mas tão cheia de paz e eu queria compreender o que aconteceu e conversar com esse cara, que por acaso se chama Machado de Assis, e vivo, não só comigo, mas vivo ainda aí com vocês.

PIBID-PORTUGUÊS/Professora Vanderléia – Veja que um dos objetivos também do projeto é o de apresentar Machado de Assis, porque eles, certamente, terão contato com outros textos Machadianos. Bem Lucchesi, foi um prazer imenso falar contigo. Há aquela brincadeira do aluno que diz “a gente só lê autor morto”, então, hoje, aqui, essa experiência de poder conversar com o autor que se dispôs a falar sobre o seu processo de criação, a dizer para eles sobre a importância de ler, sobre a importância da literatura como ficção para fomentar a imaginação, o desejo, a fantasia, e que comunga conosco sobre a importância dessa educação literária, educação que liberta. Falei há pouco da equipe pedagógica da escola que nos recebeu, da equipe diretiva, do esforço que ela tem feito. Veja, Lucchesi, a escola não tem espaço de biblioteca, os livros se acumulam junto com equipamentos de informática, assim é a realidade de outras escolas também, então, como você bem disse, não é por isso que não se vá fazer nada ali, pelo contrário. Os livros foram comprados como você viu, os alunos fizeram a leitura, estamos na fase quase final do projeto e é muito boa essa sua presença virtual, afetiva, pois reforçamos

para todos a importância de se envolver nas práticas ofertadas pela escola. Por tudo isso, o meu agradecimento é imenso e verdadeiro.

LUCCHESI: Um grande abraço para a diretora e para a secretária da escola e a todos que meus pobres olhos míopes não estão vendo. Muito obrigado, um abraço muito apertado, muito firme, meus parabéns! Eu insisto muito nisso quando, às vezes, eu perco algum tipo de esperança e vejo que o Brasil caminha muito bem obrigado. Está aí resistindo, lutando, porque nós temos grandes valores, porque a constituição de 88 está viva e ela defende o espaço público e nós precisamos todos os dias agradecer e lutar para manter viva a perspectiva do espaço público. Porque se nós optarmos por um Brasil de espaço privado, acabou a comunicação, acabam os projetos. Agradeço muito emocionado a vocês, parabéns pela equipe técnica, pelas almas, pelos corações e a inteligência dos alunos. Vamos mandar para frente, porque, como dizia o autor, o futuro dura muito tempo e é preciso acreditar nessa duração interminável do futuro, porque aí é um futuro marcado pela esperança e a esperança não é irmã do sono, nem irmã da morte, como se pensou. A esperança é sonhar de olhos abertos e que vocês tenham olhos bem abertos, porque vocês vão ser os engenheiros desse futuro, muito obrigado, parabéns.

Chegou em: 10-01-2017

Aceito em: 31-01-2017